

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAIS EM SEU DEVER DE ENSINAR SOBRE DEUS: DICAS PRÁTICAS – PARTE 1 Parents in their duty to teach about God: practical hints – part 1

Josemar Valdir Modes¹

RESUMO

O artigo expôs três ferramentas de auxílio para os pais na sua tarefa de ensinar sobre Deus a seus filhos. Destaca a necessidade de os pais permitirem que os líderes se aproximem do contexto familiar, apresenta formas de ensinar a Bíblia em casa e mostra a oportunidade que a família tem de falar sobre Deus ao servir na igreja.

Palavras-chave: Relacionamento. Crianças. Discipulado. Ministérios. Pais.

ABSTRACT

The article presented three tools to help parents in their task of teaching their children about God. It highlights the need for parents to allow leaders to approach their family context, presents ways to teach the Bible at home and shows the opportunity the family has to talk about God when serving in church.

Keywords: Relationship. Children. Discipleship. Ministries. Parents.

INTRODUÇÃO

Uma vez que os pais compreendem a responsabilidade que lhes é imputada de ensinar sobre Deus no lar, precisa-se responder a um possível questionamento e deficiência das

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor de crianças na Primeira Igreja Batista Pioneira em Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5094-1173> E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

famílias contemporâneas: como ensinar sobre Deus em casa? Não saber como proceder não é o grande problema, uma vez que muitos pais não foram discipulados e não tiveram um exemplo que lhes indicasse o caminho para o desenvolvimento espiritual de seus filhos. O problema reside no fato de alguns pais não buscarem informações e delegarem o direcionamento espiritual de seus filhos à igreja e sua liderança.

Na sequência, este artigo irá delinear três ações práticas que servem de subsídios às famílias, bem como aos líderes de ministério com crianças, para que todos assumam seus papéis e ajudem as crianças a progredirem em sua caminhada de fé: abrir as portas de casa; ensinar a Bíblia e participar ativamente da igreja. Estes três itens aqui apresentados fazem parte do início e primeira parte desta análise, há outros três que serão abordados em outro artigo.

Quando a família se envolve socialmente, ela abre espaço para ser conhecida e ajudada nas suas deficiências; quando a Bíblia é lida e estudada no contexto doméstico, as lições principais sobre Deus são apropriadas ou assimiladas pelas crianças; e, ainda, quando a família está envolvida nas atividades eclesiais, os filhos são expostos a vivências espirituais contundentes e marcantes. Estes são alguns dos destaques apresentados na sequência deste artigo.

1. A NECESSIDADE DE CONHECER AS FAMÍLIAS

Nossa família é perfeita – dizem algumas pessoas – e eu desconfio que elas não sejam deste mundo. É impossível que pessoas falhas possam criar algo perfeito. Se minha família era perfeita, deixou de ser quando eu nasci ou, pelo menos, quando me tornei adolescente. É nesta fase que ocorre um verdadeiro conflito de gerações e ajustes são uma necessidade constante.

Muitas vezes o que se busca manter são as aparências. Pais imaginam que estão no controle e filhos fingem que obedecem. Muitos lares são simulacros e estimulam a reverência de lugar, quando os pais estão presentes. O que os filhos esquecem é que eles carregam a reputação dos seus pais por onde andam e respeito é algo que se tem sempre ou não se tem. Se os filhos respeitam os pais em casa apenas, é porque não respeitam verdadeiramente; se os pais esperam exercer influência sobre os seus filhos enquanto estão por perto, não exercem influência efetiva.

Estes desafios familiares e a necessidade de uma estrutura estável é essencial para o desenvolvimento infantil. Nos primeiros anos de vida os principais vínculos que a criança tem são com a sua família e é espaço no qual ela recebe atenção, cuidado e os estímulos necessários para o seu desenvolvimento pleno.

“A qualidade do cuidado, nos aspectos físico e afetivo-social, decorre de condições estáveis de vida, tanto socioeconômicas quanto psicossociais”.² Muitas famílias estão desestruturadas, e esta desestruturação afeta diretamente as crianças. Quando há uma

² ZAMBERLAN MAT, Biasoli-Alves ZMM. **Interações familiares**: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 1996.

desestruturação, as demandas naturais não são atendidas e as expectativas do contexto não são realizadas. Toda desestruturação gera afastamento e privação de relacionamento.

A interação da criança com o adulto ou com outras crianças é um dos principais elementos para uma adequada estimulação no espaço familiar. Os processos proximais são mecanismos constituintes dessa interação, contribuindo para que a criança desenvolva sua percepção, dirija e controle seu comportamento. Além disso, permite adquirir conhecimentos e habilidades, estabelecendo relações e construindo seu próprio ambiente físico e social.³

É paradoxal pensar que no ambiente em que a criança mais deveria receber atenção e cuidado, é exatamente o espaço no qual ela se sente mais insegura, sozinha e tem seu desenvolvimento limitado. Alguns aspectos sociais, como a falta de recursos financeiros, a fragilidade dos vínculos familiares estimulada pela falta da percepção bíblica sobre família, a desestruturação familiar no contexto geral, acabam trazendo enormes prejuízos para as crianças, que têm dificuldades de se relacionar, dificuldades de estudo e manifestam muitas vezes doenças psicossomáticas.

Há muitos estudos de autores renomados que afirmam “que a escolaridade materna tem impacto sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças por meio de fatores como organização do ambiente, expectativas e práticas parentais, experiências com materiais para estimulação cognitiva e variação da estimulação diária”.⁴ Há a certeza aqui que a família e seu contexto pode ser um problema para o desenvolvimento das crianças e para a manifestação de seu mau comportamento.

O local criado por Deus para alavancar os pequenos pode ser um problema para as crianças e para o Ministério com crianças! Por isso, é indispensável que se conheça a realidade familiar de cada criança que frequenta algum ministério infantil em comunidade eclesial. E conhecer a família trará seus problemas aos que ministram às crianças em dois sentidos:

1. Ter os pais por perto implicará em **maior ingerência deles** no que acontece no ministério. Nem sempre os pais estão habilitados para isso, mas ao estarem por perto farão as suas reclamações, sugestões, dirão como deveria acontecer e muitas vezes afirmarão que está tudo errado. A liderança do ministério precisará aprender a receber, processar e responder a estas demandas. Alguns pais se sentirão à vontade além do limite e permanecerão no ministério para cuidar de seus próprios filhos, o que demandará em estabelecer limites claros, mas com a participação, cada um com o seu papel.
2. A aproximação da família **traz problemas à tona**, e uma vez identificados, os professores voluntários necessitarão tomar providências para o seu encaminhamento. Ter estabilidade emocional para lidar com conflitos e uma rede de apoio para encaminhar as demandas é um requisito fundamental para os professores do Ministério com Crianças. Há mais dificuldades nas casas do que se pode imaginar.

³ BRONFENBRENNER, U.; CECI, S. J. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective. A bioecological model. *Psychol Rev.* 1994, p. 568-586.

⁴ BRADLEY, R. H.; CORWYN, R. F. Socioeconomic status and child development. *Annu Rev Psychol*, 2002, p. 371-399.

O cenário ruim não deve ser motivo para o afastamento dos pais, pelo contrário, o Ministério infantil deve intencionalmente buscar aproximá-los do que se faz semanalmente, com estratégias diversas e assertivas. Os pais precisam saber que são bem-vindos no Ministério Infantil e que lá tem um espaço especial para eles. Pais e líderes de crianças precisam desenvolver bons relacionamentos.

Nesta perspectiva sobre relacionamentos, um texto bíblico precisa ser destacado, a saber:

Eu recomendo a vocês a nossa irmã Febe, que é diaconisa da igreja de Cencreia. Recebam essa irmã em nome do Senhor, como deve fazer o povo de Deus. Deem a ela toda a ajuda que precisar, pois ela tem ajudado muita gente e a mim também. Mando saudações a Priscila e ao seu marido Áquila, meus companheiros no serviço de Cristo Jesus. Eles arriscaram a sua vida por mim. Sou muito agradecido a eles; e não somente eu, mas também todas as igrejas dos que não são judeus. Saudações também à igreja que se reúne na casa deles. Saudações ao meu querido amigo Epêneto, que foi o primeiro a crer em Cristo na província da Ásia. Saudações a Maria, que tem trabalhado muito por vocês. Saudações a Andrônico e à irmã Júnia, meus patrícios judeus, que estiveram comigo na prisão. Eles são apóstolos bem conhecidos e se tornaram cristãos antes de mim. Saudações a Ampliato, meu querido irmão no Senhor. E também a Urbano, nosso companheiro de trabalho no serviço de Cristo, e ao meu querido amigo Estáquis. Saudações a Apeles, um irmão que tem dado muitas provas da sua fé em Cristo. Saudações ao pessoal da família de Aristóbulo. Saudações a Herodião, meu patrício judeu, e aos irmãos no Senhor da família de Narciso. Saudações a Trifena e a Trifosa, irmãs que trabalham no serviço do Senhor, e à minha querida amiga Pérside, que também tem trabalhado muito para o Senhor. Mando saudações a Rufo, trabalhador que tem se destacado no serviço do Senhor, e à mãe dele, que sempre me tratou como filho. Saudações aos irmãos Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e a todos os irmãos que estão com eles. Saudações a Filólogo e a Júlia; a Nereu e à sua irmã; ao irmão Olimpas e a todas as pessoas do povo de Deus que estão com eles. Cumprimentem uns aos outros com um beijo de irmão. Todas as igrejas de Cristo mandam saudações a vocês (Rm 16.1-16).

O final deste texto traz um desafio importante: dimensionar o papel dos bons relacionamentos no estabelecimento do plano de Deus para o mundo e o exercício da missão que Deus deu para a sua igreja. A leitura desta lista faz lembrar dos amigos e talvez a lista de Romanos também impressiona por causa dos nomes estranhos, mas se você conseguir ver além disso, perceberá algo extraordinário: Paulo teve muitos amigos e eles eram amigos íntimos, que sabiam sobre o seu trabalho, lhe auxiliavam e avalizavam as suas ações.

Paulo evidencia a importância dos relacionamentos nesta vida. Claro que a teologia é importante. A exposição bíblica é importante, e muito, afinal, Paulo gastou muita tinta com estas coisas nesta carta aos Romanos. Mas no final do dia, importavam também os relacionamentos e as amizades (muitos perdem amigos por discussões teológicas, brigam em nome de Deus). Muitos pensam na Carta aos Romanos como um tratado teológico, a magna carta de Paulo. E sem dúvida, ela é densa em reflexão teológica, tanto que serviu de grande motor de partida para a Reforma Protestante. Mas obviamente Paulo não estava pensando

na Reforma Protestante quando escreveu esta carta. Pensava no que? No seu próximo desafio missionário, foi até a Espanha e, por isso, precisava da simpatia dos cristãos romanos para encaminhá-lo (15.24). Todos têm uma missão e ela nunca é realizada de forma isolada. O individualismo da sociedade faz pensar que o indivíduo depende apenas de si. Mas, ao observar a missão do ministério infantil, entende-se que ela se realiza através e com a família.

Há mais um detalhe aqui: havia uma barreira teológica a ser vencida: nem todos concordavam com a forma de pensar de Paulo acerca da aceitação de todas as pessoas por Deus e é isso que Paulo explica ao longo de sua carta mostrando que Deus se revelou na morte e ressurreição de Jesus e está agora no processo de endireitar (a palavra técnica é “justificar”) todas as coisas, começando com um povo renovado de Deus que vive de acordo com os seus propósitos. Mas a ampla lista de contatos de Paulo, pessoas que haviam vivenciado esta transformação que ele pregava e aceitavam a sua forma de pensar, davam autoridade aos seus ensinamentos e ajudaram o apóstolo a chegar em Roma.

Conhecer a família é também tornar-se conhecido. Os pais apoiarão mais o ministério infantil se souberem quem são as pessoas que o dirigem e tiverem confiança neles. Uma vez que os pais autenticam a mensagem e reconhecem a liderança dos que ensinam às crianças, seus filhos automaticamente se tornam propensos a ouvir e respeitar também.

Este conhecimento traz vários benefícios também, especialmente a capacidade de falar sobre o que as crianças precisam ouvir. A exposição da Bíblia “se torna relevante quando apresenta um conteúdo contextualizado capaz de alcançar os ouvintes”.⁵ Para isso, é importante que o líder do ministério infantil considere a existência de duas culturas: a cultura em que o texto foi escrito originalmente e a cultura de seus ouvintes. Somente quando se conhece bem a realidade do passado e o contexto do presente (a família das crianças), é que ele conseguirá transmitir uma mensagem contextualizada para as crianças de hoje.⁶

A aplicação é importante porque torna a mensagem pessoal. Através dela, o expositor indica o que o ouvinte deve fazer, como reagir com determinado texto bíblico.⁷ As crianças precisam saber qual a implicação do texto exposto para a vida delas. Para que essa aplicação se torne realmente relevante, é essencial que o líder *conheça seus ouvintes*, pois esse conhecimento mostrará quais são as necessidades dessas crianças. Um estudo voltado para qualquer tema que não seja a necessidade do grupo a quem se fala, torna-se completamente desnecessário e irrelevante.⁸ E o conhecimento dos ouvintes implica numa *proximidade com eles*. Quanto mais próximo de seus ouvintes aqueles que ensinam estão, tanto mais eles se aproximam da mensagem.

⁵ MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005, p. 47-52.

⁶ MORAES, 2005, p. 47-52.

⁷ DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus**: o despertar para um novo culto. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000, p. 149-150.

⁸ MARINHO, Robson M. **A arte de pregar**: como alcançar o ouvinte pós-moderno. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 250-251.

2. DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR A BÍBLIA EM CASA

Antes de pensar na prática, há a necessidade de se fazer uma reflexão profunda sobre o conceito de estudar a Escritura. Há uma tensão entre o intelectualismo e a espiritualidade na igreja⁹ atual, e que afeta a maneira de pensar. Nos dois polos há erro e eles nem mesmo se complementam, pois falta neles o ingrediente da experimentação.¹⁰ A inexistência de ações por parte da igreja, como também da parte do indivíduo, tem o seu início na falta de conhecimento bíblico, característico de muitos cristãos. Consideram-se salvos sem nada saber e nem mesmo querem saber. Ao mesmo tempo não fazem mais porque não sabem o que devem fazer, vivem alienados.¹¹ Saber sobre a Escritura é uma necessidade para todos.

Muitas vezes a falta de conhecimento é justificada através de uma falsa espiritualização embasada em textos bíblicos como: *“A lei escrita mata, mas o Espírito de Deus dá a vida”* (2Co 3.6b).¹² É importante ressaltar que esta argumentação não corresponde com a verdade bíblica contida no texto, porque ignora o contexto e a própria teologia paulina que reforça a ideia da continuidade da Lei, porém, sem a conotação rabínica, que provinha do período interbíblico, no qual ela era vista como meio de justificação.¹³ Paulo nunca defendeu uma espiritualidade escapista e desprovida de conteúdo; ele apenas afirmou que o conteúdo por si só não é suficiente.

Evidentemente há neste pensamento paulino as duas realidades presentes: letra e Espírito. Mas, em outros meios, vai-se por um caminho oposto: há o estudo, porém, visando apenas o compartilhar de um conteúdo. Neste círculo intelectualista, o que vale é a bagagem de conhecimento transmitida oralmente ao aprendiz. Este processo tem dominado muitas escolas bíblicas das igrejas da atualidade e influenciado até mesmo processos mais dinâmicos, como o discipulado cristão.¹⁴ É o conteúdo pelo conteúdo, e nada mais.¹⁵ Lê-se a Bíblia, decora-se textos, mas qual a implicação deles para a vida da criança?

O ensino foi fundamental na história do cristianismo e teve efeitos gigantescos para aqueles que tiveram contato com ele. Onde ele foi aplicado de forma efetiva houve um

⁹ Igreja neste artigo diz respeito às pessoas que frequentam e são participantes ativas dos trabalhos realizados na mesma.

¹⁰ MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de teologia básica**: educação cristã. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 18-19.

¹¹ SBB, 2000, p. 1178.

¹² SBB, 2000, p. 1178.

¹³ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 672.

¹⁴ DISCIPULADO CRISTÃO. O termo discipulado provém do termo grego *“mathetês”*, que significa discípulo. Este, por sua vez, descreve um aluno, aprendiz; ou seguidor de um mestre, profeta, um adepto de uma ideologia. Desta forma, entende-se que ser um discípulo é seguir instruções, uma doutrina ensinada por um mestre-ensinador. Ser um discípulo de Cristo representa seguir Seu caminho; ser um discipulador representa mostrar o caminho a ser seguido (ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 11-12). O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude de vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros (PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Vida, 1983, p. 15-16).

¹⁵ DELORS, Jaques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2004, p. 91.

verdadeiro desenvolvimento intelectual, pois as dimensões da espiritualidade e do conteúdo foram associadas à prática.¹⁶

O ensino da Bíblia não consiste apenas da transmissão de conhecimento, mas tem a expectativa de uma transformação de vidas através da ação do professor com o aluno e com o Espírito Santo.¹⁷ “Precisamos redescobrir a importância do estudo sério e disciplinado da Palavra de Deus, da teologia cristã e da realidade em que vivemos, a fim de sermos homens e mulheres que vivam missionariamente no mundo” e que compartilham esta visão com os filhos.¹⁸

Há a necessidade de se fazer da Bíblia mais do que um “papa de papel” usado na hora de determinar o que está certo ou errado. A Bíblia precisa ser estudada para que o coração do ser humano reconheça a soberania de Deus e a necessidade da igreja de proclamar o Seu Reino e se chegue a um consenso missionário, que seja eticamente válido, compreendido por todas as pessoas e experimentado de forma pessoal.¹⁹

O que não se pode perder de vista é um princípio fundamental: se o desejo é o desenvolvimento espiritual, primeiramente, há a clara necessidade de se ensinar sobre a fonte que contém as respostas para os anseios espirituais mais profundos do ser humano: a Palavra de Deus. Para ser relevante para a alma, o que se compartilha com as crianças precisa ter fundamentação bíblica. Spurgeon afirmou: “O ministro com sua Bíblia é como Davi com sua pedra e funda, plenamente equipado para a peleja”. É importante a observação desse princípio, pois não há outra literatura com o peso da autoridade da Palavra de Deus.

John Knox, ao falar sobre a importância da Bíblia, destaca que ela é literatura religiosa de altíssima qualidade, e, ainda, afirma que:

Não é grande literatura apenas, mas em alguns aspectos é incomparavelmente grande. É o relato mais realístico do homem que o próprio homem jamais produziu. A pregação, no entanto, é também profunda e radicalmente relacionada com o homem, sua necessidade e sua redenção, sendo que sua eficiência e genuinidade dependem da compreensão profunda, certa e verdadeira do pregador relativamente à situação humana. A Bíblia prevê recursos para essa compreensão.²⁰

Mesmo com tão importante recurso à disposição, muitos pais geram a impressão de que a Palavra de Deus é obsoleta, mas isso ocorre pela falta de observação de dois princípios fundamentais, a saber: a *aplicação* e os *recursos* na hora de ensinar. A retenção do conteúdo se dá em maior grau quando os diferentes sentidos são estimulados.

Em muitos momentos é preciso desconstruir alguns conceitos errôneos que podem estar presentes na vida dos pais e dos filhos no que concerne à Escritura Sagrada. “A Bíblia

¹⁶ PADILLA, René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 51-56.

¹⁷ SANTOS, Valdeci da Silva. Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas. **Fides Reformata XIII**, n.2, 2008, p. 157.

¹⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). **Missão integral transformadora**. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006, p. 36-37.

¹⁹ ZABATIERO, In: KOHL, 2006, p. 18-21.

²⁰ MORAES, 2005, p. 47-52.

não é um amuleto. Você já deve ter ido a alguma casa em que na estante da sala estava a Bíblia aberta em algum salmo (o que mais vi foi o salmo 91!) [...] suas palavras só serão eficazes quando lidas, praticadas e vividas no dia a dia”.²¹

A Bíblia também não é uma coletânea de frases de efeito. Não é raro encontrar nas redes sociais fotos (de férias na praia à celebração da ceia de domingo) cuja legenda carrega pequenos trechos bíblicos. Geralmente, as frases são as mesmas, curtas, diretas e vazias de seu sentido original. Devemos lembrar que a Bíblia não foi escrita em capítulos e versículos, mas em livros que possuem ordem e coerência interna. As cartas do Novo Testamento, por exemplo, foram escritas como recomendações a serem lidas de uma só vez. As divisões posteriores (que encontramos em nossas Bíblias) são ótimas para um estudo sistemático e comunitário do texto, mas não podem servir para tirar do contexto original em que se encontra um versículo. Saber, ao recitar João 11.35, que Jesus chorou é importante, mas ler todo o evangelho e saber do seu amor por Lázaro é ainda mais essencial.²²

Também não se pode encarar “a Bíblia como uma peça de museu [...] A Bíblia não é para ser analisada friamente, é para ser degustada como uma sopa que esquenta o coração e sacia a fome. Ela está viva e traz vida para quem se relaciona com Deus por meio dela. Devemos ensinar que a Bíblia é dinâmica”.²³ Ainda se destaca aqui que a “Bíblia não é um manual. [...] A Bíblia não é objetiva, isto é, ela só se torna sagrada a partir do momento em que estabelecemos uma relação sagrada com o ‘Dono’ do texto. [...] Por isso, ela não é um manual que obriga o mundo inteiro a seguir suas regras”²⁴ mas ela leva a experiências que transformam a vida.

Mas como a Bíblia deve ser encarada?

1 – Saber que ela é um livro de verdades eternas, verdades que não dizem respeito à constituição científica do homem e do mundo, mas tratam sobre o que é a humanidade em seu caráter mais profundo. 2 – A Bíblia traz verdades sobre os caminhos enganosos nos quais o ser humano pode andar na busca por satisfazer, a qualquer custo, seus desejos e como é importante confiarmos na providência e no cuidado de Deus conosco. 3 – A Bíblia traz verdades sobre seres humanos, todos feitos à imagem de Deus, e ensina verdades sobre como eles devem ser respeitados e ter sua vida preservada pelos seus irmãos. 4 – A Bíblia traz uma mensagem de preservação e cuidado com a criação de Deus, de libertação dos escravos, de cura dos enfermos, de dignidade para o órfão, para o imigrante, para a viúva, de alegria e saciedade

²¹ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²² O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²³ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁴ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

para o pobre, de vida abundante para todos. 5 – A Bíblia traz a mensagem de um Deus que se encarnou, que viveu entre nós para nos mostrar que é possível ser gente de um jeito diferente, gente como Ele foi, gente como Ele deseja que sejamos. 6 – A Bíblia nos convida a uma relação de amizade e de discipulado com Jesus de Nazaré, um convite a segui-lo em seu exemplo de generosidade, de perdão, de compromisso com a justiça, de contestação e resistência a toda a religiosidade vazia. 7 – A Bíblia aponta para a cruz, símbolo maior da nossa fé, símbolo de entrega da própria vida em favor de outros para que tenham vida. É impossível seguir a Jesus sem passarmos por ela.²⁵

Em casa o estudo da Escritura precisa ser incorporado como um hábito. Para desenvolver um hábito há a necessidade de se estabelecer uma rotina e muita persistência. Depois de muitas repetições significativas (elas não podem ser sem sentido ou sem valor) é que uma prática é estabelecida como um hábito. Para o estudo da Bíblia, pode-se sugerir algumas práticas que, com o tempo, podem ser bons hábitos de estudo:

1. Bíblia antes do café da manhã – antes de ingerir qualquer alimento para o corpo físico, a família passa ler um pequeno trecho da Escritura. Além de ser um momento de estudo, cria-se no imaginário da criança a percepção da importância da Palavra de Deus. Ela é mais importante do que a refeição para o corpo.

2. Culto doméstico depois do jantar – para a maioria das famílias a noite é um tempo de estar juntos e ao invés de investirem seu tempo com outras recreações, pode-se vivenciar um momento de culto em família.

O importante é que Escritura, Salmos, Hinos e orações sejam parte diária de toda família cristã. Isso não significa que tais cerimônias precisam ser longas. Particularmente em famílias com filhos pequenos, seria melhor manter esses devocionais curtos, alegres e focados. Crianças se desenvolvem com repetições, portanto, a família pode incorporar memorizações básicas.²⁶

O culto em família proporciona o estudo da Bíblia e estimula o uso dos dons. Pessoas diferentes podem participar nas diferentes partes do culto. As crianças aprenderão a ser participativas e desinibidas.

3. Histórias bíblicas e oração antes de dormir – o dia é finalizado como ele começa: com a palavra de Deus. Histórias antes de dormir preparam para o sono e incutem conteúdos importantes que ecoarão no subconsciente dos pequenos.

Muitos pais dirão que não tem tempo para isso. Bem, você certamente terá que reduzir seu tempo na televisão e nos jornais. Na eternidade, qual terá sido a utilidade, para você e seu filho, do tempo gasto toda semana na frente

²⁵ O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁶ HAMMOND, Peter. **Reformando nossas famílias**. Tradução de Sara de Cerqueira. Disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

da TV assistindo a escândalos locais? Desligue a TV e você terá tempo suficiente para discipular suas crianças!²⁷

4. Torne os domingos especiais – os domingos são o dia da semana em que o estudo da Bíblia é intensificado. Ele deve ter um significado especial para os filhos. O revolucionário francês – e ateu – Voltaire declarou: “Se quiser destruir o Cristianismo, você deve abolir o domingo”.²⁸

A preparação para a adoração de domingo começa no dia anterior – assegurando-se de que as crianças dormirão cedo e estarão descansadas para o domingo de adoração. Podemos também encorajar nossos filhos a respeitarem nosso local de adoração e o dia do Senhor, cuidando para que usem suas melhores vestes para a casa de Deus. E prezando a chegada cedo o suficiente para adorar, com corações e mentes esperançosos e receptivos ao ensino.²⁹

5. Memorização das Escrituras – a memorização da Palavra de Deus é uma ferramenta importantíssima no discipulado: “Como pode um jovem conservar pura a sua vida? É só obedecer aos teus mandamentos. Guardo a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti” (Sl 119.9,11).

Além destas dicas para a criação do hábito da leitura da palavra de Deus, precisa-se ajudar os pais a desenvolverem os momentos de leitura de forma criativa. Seguem algumas sugestões para tornar a leitura bíblica mais dinâmica:

1. Escolha um livro da Bíblia para ler e discutir juntos. Focar em um livro dará uma visão aprofundada e pode-se ensinar a sequência dos fatos no decorrer dos dias. Para crianças menores deve-se utilizar livros mais históricos, enquanto as crianças maiores já podem se aprofundar em textos doutrinários. Livros mais curtos são recomendados quando se está começando a prática do estudo conjunto.

2. Estimule anotações. Crianças menores podem desenhar, enquanto crianças maiores podem fazer apontamentos das discussões que a família teve sobre o texto.

3. Defina uma agenda. A leitura da Bíblia ocupa um espaço fixo na rotina da família, assim como ir para a aula, almoçar e ir dormir. A rotina é tudo!

4. Mostre uma visão panorâmica. Em sua primeira conversa, mostre os bastidores do escrito, respondendo aos seguintes questionamentos: Quem escreveu o livro? Para quem foi escrito? Quando ele foi escrito? Em que estilo literário foi escrito? Qual é o tema central do livro? Bíblias de estudo trazem estas informações, que ajudarão a entender o conteúdo como um todo.

²⁷ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

²⁸ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

²⁹ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

5. Orem juntos. É a Palavra de Deus que excede todo o entendimento. A iluminação do Espírito Santo é essencial para que se compreenda o que Deus quer ensinar ao ser humano.³⁰

3. PARTICIPANDO ATIVAMENTE DOS MINISTÉRIOS DA IGREJA

O individualismo, que é uma marca da sociedade corrompida da atualidade, tem marcado enormemente a postura evangélica, e a percepção dos que se achegam à igreja.³¹ Não entendem que a verdadeira vida cristã é manifesta através de uma “peregrinação feita na companhia e com o apoio de outros que também deram ouvidos à Palavra do Senhor e querem ser seus discípulos”.³² Não se trata de uma busca por realização pessoal, felicidade individual ou satisfação das necessidades religiosas, mas de um compromisso de união com todos aqueles que fazem parte do povo de Deus, a fim de realizar a missão de Deus no mundo.³³

Cada cristão deve contribuir com o Reino, exercendo uma atividade no seu lar, trabalho, vizinhança, igreja local e no mundo. As próprias habilidades e recursos acabam contribuindo para a realização desta missão que é amplamente abrangente.³⁴ Servir não está apenas ligado

às estruturas eclesiais, administrativas e organizacionais de uma denominação, igreja, comunidade ou movimento cristão, mas sim a um estilo de vida cristã que busca encarar a missão de maneira integral como Jesus Cristo encarou, uma missão [...] que anuncia o Reino de Deus e sua justiça, entre a fé e as boas obras, entre as necessidades espirituais, materiais e físicas, entre a dimensão social e pessoal do evangelho, estabelecendo o Reino de Deus, agora.³⁵

Mas um dado assustador e que comprova a ineficiência da ação da igreja é o que segue: “a igreja se compõe de 10% de pessoas ativas, imprescindíveis e dedicadas, e de 90% de inativas, periféricas, semi-interessadas. Embora variem as porcentagens, o padrão é o mesmo em muitas congregações”.³⁶ Mesmo que haja diferentes argumentos para explicar estes dados, é muito provável que a histórica divisão das pessoas entre *clero* e *laicato* seja o principal fomentador desta perspectiva.³⁷

O *clero* representa o grupo de pessoas que estão à frente das denominações e tem em suas mãos o poder da tomada de decisão e, segundo a forma de pensar de algumas congregações, eles são os detentores de todos os dons e por isso realizam todos os ministérios. Já o *laicato* é composto pelas demais pessoas que são encaradas como uma

³⁰ HAMMOND, disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

³¹ ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003, p. 87.

³² PADILLA, 2009, p. 59.

³³ PADILLA, 2009, p. 59.

³⁴ STOTT, John. **Firmados na fé**. Tradução de Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, 2004, p. 216-227.

³⁵ YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. **Servindo com os pobres na América Latina: modelos de ministério integral**. 1998, p. 22.

³⁶ VAN EGEN, Charles. **Povo missionário, povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 201.

³⁷ SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**. Tradução de Josué Ribeiro. Curitiba: Esperança, 2001, p. 170-188.

espécie de plateia, que chegam aos cultos para assistir e receber algo. Eles são vistos normalmente como não tendo condições para o exercício do ministério.³⁸

Esta divisão de classes não é bíblica. A dá a entender claramente que ao fazer parte de uma igreja, a pessoa já se tornava um missionário.³⁹ Esta perspectiva traz detalhes importantes: evidencia o sacerdócio de todos os crentes e envolve os cristãos no pastoreio mútuo; o envolvimento vai além da esfera eclesiástica e aponta para o trabalho dos cristãos fora da igreja, em suas funções cotidianas, nas quais exercem a sua vocação através do trabalho conferido por Deus a elas;⁴⁰ há uma multiformidade de ações que resultam deste envolvimento de todos os cristãos na missão de Deus.⁴¹ Servir é para todos e há muitas formas de servir!

Por falar em servir, essa expressão pode fazer pensar muitas coisas. É possível observar a esfera das vestimentas para entender sobre este tema: casaco grande – *não serve*; casaco pequeno – *serve de forma limitada*; terno – *todos dizem que serve, mas não tem nada a ver com algumas ocasiões*; casaco certo – *serve, tem a ver com o momento, faz com que a pessoa se sinta bem*; todos os casacos – *é muito para uma pessoa, enquanto outros poderiam também usufruir*. Ao falar sobre serviço, pode-se também pensar em algumas coisas: muitas vezes o serviço é confundido com “ser visto”. Nesta perspectiva, cada ação gera imagens, holofotes e a divulgação da minha marca.

O texto de 1Pedro 4.10 fala sobre o serviço: “Sejam bons administradores dos diferentes dons que receberam de Deus. Que cada um use o seu próprio dom para o bem dos outros!” Servir uns aos outros é um convite para sair de si mesmo e dos problemas pessoais e dedicar-se às pessoas que estão próximas. O termo que aparece no texto de 1Pedro 4.10, sobre serviço, vem de diaconia e se reporta a todo o tipo de serviço prestado, seja em palavras ou ações. Nesta perspectiva-todos são diáconos – não é preciso esperar que alguém com um cargo faça algo, é preciso que cada um faça a sua parte.

Usar os dons recebidos é o meio que viabiliza o serviço a realizar. Deus não incumbe o indivíduo de uma tarefa sem primeiro o capacitar para ela. A Palavra de Deus é clara ao afirmar que cada cristão tem pelo menos um dom, uma capacitação especial para realizar a vontade de Deus à sua volta. Muitas vezes fala-se que Deus não chama os capacitados, mas capacita os chamados. Não é bem assim, pois no fundo Deus capacita e chama ao mesmo tempo.

Valorizar os relacionamentos é a forma de servir através dos dons. O texto de 1Pedro 4.10 descreve estes indivíduos como despenseiros/mordomos. Este termo está relacionado à

³⁸ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 566.

³⁹ SACERDÓCIO DE TODOS OS CRENTES. Segundo ela, resgata-se a compreensão neotestamentária de que cada crente é depositário dos carismas do Espírito Santo, sendo, portanto, um(a) ministro(a) de Deus para o mundo (LOPES, César Marques. **Mobilizando a igreja local para uma missão integral transformadora**. In.: KOHL, 2006, p. 144).

⁴⁰ ROLDÁN, Alberto Fernando. O sacerdócio de todos os crentes e a missão integral. In: PADILLA, C. René; COUTO, Péricles. **Igreja**: agente de transformação. Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011, p. 113-134.

⁴¹ LOPES, César Marques. **Mobilizando a igreja local para uma missão integral transformadora**. In: KOHL, 2006, p. 146-147.

casa, ao grupo de pessoas que lá vive e que tem relacionamentos entre si, e, portanto, coloca cada cristão numa posição de responsáveis por aqueles que fazem parte da sua família. É claro que isso inclui família de sangue, mas trata-se aqui principalmente da família estendida, a família da fé e aqueles que podem fazer parte dela. Há aqui uma rede infinita de relacionamentos que cada um tece através da convivência, mas principalmente através da fé: líder do ministério com crianças está ensinando aquele que será o pastor dos seus netos; talvez aquele que cuidará dele mesmo-quando estiver doente. Os que estão à volta devem ser cuidados. Não é à toa que cruzaram o caminho de cada indivíduo, líder.

Há também a necessidade de reconhecer as diferenças que são multiformes devido à graça de Deus. Deus nunca foi adepto da monotonia e por isso fez os seres humanos extremamente diferentes. No texto a graça multiforme destaca as inúmeras possibilidades de dons que estão relacionadas às inúmeras necessidades das pessoas, baseadas em suas inúmeras diferenças.

Diante do exposto, há a necessidade de ampliar a perspectiva ministerial! Assim como o tempo deixa os seres humanos curvados e limita a visão, com o tempo pode-se focar demais no ministério, família, sonhos, e perder de vista tudo o que Deus pode e quer fazer. Na Bíblia, encontra-se um exemplo dessa deficiência. O apóstolo Pedro foi uma pessoa que teve dificuldades para enxergar o panorama total. Em certa ocasião, Jesus o repreendeu dizendo: *“...Saia da minha frente, Satanás! Você é como uma pedra no meu caminho para fazer com que eu tropece, pois está pensando como um ser humano pensa e não como Deus pensa”* (Mt 16.23).

Nesta limitação de visão, muitas vezes perde-se de vista o benefício de servir a Deus. Servir a Deus é completamente diferente de servir a qualquer outra pessoa. Deus é extremamente zeloso e nem sempre é possível compreendê-lo. Por exemplo, ele ordena: *“Sirvam ao SENHOR com alegria”* (Sl 100.2). Há uma razão para essa alegria. Ela é apresentada em Atos 17.25. Deus não *“precisa que façam nada por ele, pois é ele mesmo quem dá a todos vida, respiração e tudo mais”*. O cristão O serve com alegria, porque não tem o fardo de satisfazer as suas necessidades. Pelo contrário, o cristão regozija-se em um serviço no qual Deus atende as suas necessidades. Servir a Deus sempre significa receber graça de Deus.

Há uma história em 2 Crônicas 12 que mostra como Deus é zeloso e que o serviço a Ele não pode ser pesado. Roboão, o filho de Salomão, que governou o reino do sul após a revolta das dez tribos, junto com o povo todo *“deixaram de obedecer à Lei de Deus, o Senhor”* (2Cr 12.1). Como juízo, Deus enviou a Sisaque, rei do Egito, contra Roboão com 1.200 carros e 60.000 cavaleiros (2Cr 12.2-3). Em misericórdia, Deus enviou o profeta Semaías a Roboão com essa mensagem: *“Vocês me abandonaram, e por isso eu os estou entregando nas mãos de Sisaque”* (2Cr 12.5). O feliz resultado dessa mensagem é que Roboão e seus príncipes se humilharam em arrependimento e disseram: *“O SENHOR é justo”* (2Cr 12.6).

Quando o Senhor viu que se humilharam, disse: *“Eles se arrependeram, e por isso não vou destruí-los. Daqui a pouco vou salvá-los. Eu não vou usar Sisaque para descarregar a minha ira sobre os moradores de Jerusalém”* (2Cr 12.7). Mas, como uma disciplina para eles, disse: *“Mas vou deixar que Sisaque os domine a fim de que eles vejam qual é a diferença entre*

servir a mim e servir reis estrangeiros” (2Cr 12.8). A ênfase é clara: Servir a Deus é uma dádiva, uma bênção, uma alegria e um benefício, nunca um peso.

A perspectiva das oportunidades e dos benefícios ao servir precisa ser compreendida pela família, até porque ela habita em um lugar. Ao dirigir o olhar à configuração do espaço urbano, pode-se perceber os desafios que ele impõe à família. As primeiras relações são estabelecidas na privacidade das casas, mas cada vez mais cedo este mundo amplia-se. A escola, o trânsito, os coletivos, os sons, as imagens invadem as janelas. As crianças não convivem mais somente com pessoas que conhecem. Elas descobrem cada vez mais os meios de comunicação e a internet. As fronteiras são cada vez menores. Nesta cidade hoje é mais importante ter do que ser, por isso, para muitos, pessoas são sinônimo e possibilidade de ganhar dinheiro. Sendo assim, há ao redor de todas as pessoas que não se importam com o próximo.

Mas a partir do texto de Hebreus 13.1-6 pode-se destacar diferentes esferas de atuação da família, servindo pessoas nos lugares onde vivem. É importante observar que ação abrangente, influente e preciosa a família pode na cidade que habita hoje.

1. O amor fraternal (v.1). Essa virtude é tão importante que representa a marca, ou distintivo, do verdadeiro discípulo de Jesus (Jo 13.34-35). A expressão tem consigo a ideia do exercício do amor e da adoção de um novo relacionamento dentro da família da fé: amamos como irmãos. Sentir-se parte da família é o sentimento que as pessoas na cidade precisam receber. Pequenas ações de demonstração de carinho e amor, o cuidado com os vizinhos, são simples ações de serviço que fazem toda a diferença no contexto em que a família está inserida.

2. A hospitalidade (v.2). Na época em que o texto bíblico foi escrito muitos cristãos haviam perdido todos os seus bens como consequência da perseguição. Neste aspecto, a hospitalidade trazia alento a esses servos de Deus e demonstrava que outros crentes poderiam servir ao Senhor abrindo suas casas para lhes servirem de abrigo. A hospitalidade é a forma correta de receber as pessoas na cidade. De que vale ter uma casa bonita se é apenas usada por nós? Enfeitar para os outros, mas mantê-la fechada. Receber pessoas como anjos (pessoas enviadas por Deus com uma mensagem) é a postura exigida do cristão. Interessante que a hospitalidade se paga por si só. Quantas vezes cada um foi abençoado por aqueles que permanecem um dia em sua casa! Servir é receber em casa.

3. O valor da beneficência (v.3 e 6). Um crente perseguido facilmente seria lembrado por seus irmãos, mas os que permaneciam presos por muito tempo poderiam ser esquecidos. Não faltam nas cidades pessoas esquecidas por tantos, que vivem à margem de tudo. Lembrar dos esquecidos é a forma de olhar para a cidade. Ações de serviço para as pessoas que vivem à margem, esquecidas e relegadas, impactará tanto a vida dos que são assistidos como daqueles que fazem o trabalho. Os filhos precisam saber o quanto a realidade é desafiadora fora de suas casas para valorizarem tudo o que têm.

4. O valor do matrimônio (v.4). A vida cristã exige compromisso sério não apenas com Deus e a igreja, mas também com a sociedade e a família; e esta última começa com o cônjuge. Dentro da igreja carrega-se o modelo ideal de família e preserva-se os principais traços

concernentes a ela. Valorizar a família é a forma de manter a sociedade e ensinar aos outros. Valorizar o casamento é uma forma de servir a Deus e a comunidade, mantendo um padrão que a sociedade necessita vivenciar.

5. A ameaça do materialismo (v.5). O contentamento significa mais do que uma aceitação passiva do inevitável. Envolve um reconhecimento positivo de que o dinheiro é relativo, um instrumento e não um dono, faz parte das coisas deste mundo e deve ser considerado desta forma. Praticar o desapego, contribuir com o Reino, colocar as pessoas acima dos recursos são formas de servir a comunidade.

6. O auxílio de Deus. As palavras tiradas dos salmos (v.6) são apropriadas porque afirmam o caráter imutável de Deus como auxílio. Quando Deus é o auxílio, não é surpreendente que a família cristã possa dizer diante de uma sociedade perversa: não temerei. Os filhos de Deus frequentemente têm comprovado a veracidade das palavras do salmista: que me poderá fazer o homem? Embora seja expressa como uma pergunta, não deixa de subentender uma resposta negativa. Manifestar fé é servir em um mundo corrupto.⁴²

Entendendo a importância de servir e as diferentes oportunidades que cercam a família, como ministério com crianças há a necessidade de se enfatizar o envolvimento da família em ações concretas com as pessoas à sua volta e com as atividades desenvolvidas na igreja. Além de abençoar as pessoas, servir é uma forma muito significativa de ensinar. Algumas estratégias simples podem ser transformadoras:

1. Coerência da vida diária dos pais, com o ensino sobre amizade com Deus – não adianta querer falar sobre Deus aos filhos se os pais vivem se tratando mal, com agressividade e violências, mentiras etc. Essas incoerências são notadas e cobradas até por crianças.
2. Alegria dos pais em ir à igreja, tanto para aprender sobre Deus quanto para trabalhar para Ele – pais motivados também motivam os filhos; pais alegres também alegram os outros; pais envolvidos são exemplos de envolvimento dos filhos.
3. Pais que fazem de sua casa uma extensão da própria igreja – por exemplo, usando, no dia a dia, valores bíblicos como: promover a paz, verdade, honestidade, sinceridade, amor, misericórdia, alegria, incentivo para o bem, mansidão, paciência etc. Isso pode acontecer em todos os momentos e não apenas nos cultos domésticos.
4. Pais que fazem da igreja uma extensão de sua própria casa – filhos que participam de uma classe que comunique as verdades bíblicas, com uma linguagem que lhes é apropriada, optam por ficar mais tempo lá. Observam desde cedo a alegria de seus pais ao irem à igreja ou fazerem atividades para Deus (Salmos 122.1: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor”), até que esse anseio passe a ser o deles também.
5. Pais que facilitam o trabalho dos líderes de seus filhos na igreja – existe uma idade em que os filhos precisam ser levados pelos pais às atividades de seu ministério, como passeios, competições, congressos, corais, teatros etc. Muitos pais, por preguiça ou negligência, não levam seus filhos. Tempos depois, esses mesmos pais choram por seus filhos terem se afastado de Deus. Aí perguntam: “Onde foi que eu errei?”.
6. Pais que contribuem positivamente para que seus filhos se envolvam com a turma da igreja – pais

⁴² ALMEIDA, Jony Wagner de. **A família cristã e a cidade**. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/etica/a-familia-crista-e-a-cidade/>. Acesso em: 04 set. 2022.

sábios ficam de olho nos amigos dos seus filhos. Promover alguns encontros em sua casa às vezes já é suficiente para reconhecer aqueles amigos que têm boas ou más intenções. Vale a pena incentivar momentos dos seus filhos com boas amizades, principalmente quando está envolvida uma turma que ama e busca a Deus.⁴³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrir as portas de casa é o começo de tudo. A família precisa se dar a conhecer e conhecer quem falará sobre Deus a seus filhos. É a aproximação que dará conteúdo para a contextualização da mensagem, bem como abrirá espaço para o envolvimento da família, de forma ativa, na condução espiritual dos membros deste contexto.

Ao mesmo tempo, o abrir as portas não pode ser motivo para se negligenciar os aspectos básicos da fé cristã, como a leitura da Bíblia e a oração. Para se compreender a Bíblia não há necessidade de se fazer um curso de teologia ou algum outro nível de erudição específica. Basta ler, que o Espírito Santo vai aplicando a mensagem ao coração do leitor. A grande maioria dos textos são de fácil compreensão e todos os pais cristãos têm plenas condições de repassar aos seus filhos sobre o que leem. Se não são cristãos, a leitura pode torná-los cristãos e capacitá-los a ensinar sobre Deus.

Mas a vivência da fé cristã não pode ser encarada como uma questão de foro íntimo, sem uma pertença eclesial efetiva, que ultrapassa os limites de ser membro e faz a família se envolver em tudo o que a igreja faz. A família deve participar das atividades da igreja, sendo elemento ativo da propagação da Palavra de Deus em seu contexto para os de fora.

Estas simples iniciativas são transformadoras. Não há nenhuma família que queira mais de Deus que não possa vivenciar esta realidade. É simples e transformador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jony Wagner de. **A família cristã e a cidade**. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/etica/a-familia-crista-e-a-cidade/>. Acesso em: 04 set. 2022.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRADLEY, R.H.; CORWYN, R. F. Socioeconomic status and child development. **Annu Rev Psychol** 2002.

BRONFENBRENNER, U.; CECI, S. J. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. **Psychol Rev**. 1994.

DELORS, Jaques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2004.

⁴³ Família envolvida na igreja. **Revista Lar Cristão**, ed. 153, nov./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/01/12/fam%C3%ADlia-envolvida-na-igreja>. Acesso em: 15 set. 2022.

DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus**: o despertar para um novo culto. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000

Família envolvida na igreja. **Revista Lar Cristão**, ed. 153, nov./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2017/01/12/fam%C3%ADlia-envolvida-na-igreja>. Acesso em: 15 set. 2022.

HAMMOND, Peter. **Reformando nossas famílias**. Tradução: Sara de Cerqueira. Disponível em: <http://monergismo.com/novo/vida-crista/reformando-nossas-familias/>. Acesso em: 01 set. 2022.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). **Missão integral transformadora**. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LIVE.CHUCH. **YouVersion**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/NTLH>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MARINHO, Robson M. **A arte de pregar**: como alcançar o ouvinte pós-moderno. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de teologia básica**: educação cristã. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005.

O que seu filho precisa saber sobre a Bíblia. **Revista Lar Cristão**, ed. 161, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistalarcristao.com.br/single-post/2018/04/08/o-que-seu-filho-precisa-saber-sobre-a-b%C3%ADblia>. Acesso em: 15 set. 2022.

PADILLA, C. René; COUTO, Péricles. **Igreja**: agente de transformação. Tradução de Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011.

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Vida, 1983.

ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003.

ROTTMANN, Johannes H. **Se teu irmão pecar**: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980.

SANTOS, Valdeci da Silva. Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas. **Fides Reformata XIII**, n.2, 2008.

SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**. Tradução de Josué Ribeiro. Curitiba: EEE, 2001.

STOTT, John. **Firmados na fé**. Tradução de Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. Curitiba: Encontro, 2004.

VAN EGEN, Charles. **Povo missionário, povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

YAMAMORI, Tetsunao; RAKE, Gregório; PADILLA, C. René. **Servindo com os pobres na América Latina**: modelos de ministério integral, 1998.

ZAMBERLAN MAT, Biasoli-Alves ZMM. **Interações familiares**: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 1996.